

PAU BRASIL ENTRE A DISSONÂNCIA CULTURAL E A SUBLIMACÃO CLASSISTA: UM PERCURSO CRÍTICO DA OBRA DE OSWALD DE ANDRADE

PAULO HENRIQUE MARCONDES SANTOS*
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO
SÃO PAULO - SÃO PAULO - BRASIL



RESUMO

Oswald de Andrade publicou seu Manifesto da Poesia Pau-Brasil em 1924, e seu livro homônimo de poesias no ano seguinte, firmando o paubrasilismo como marco da segunda fase do movimento modernista, correspondente à elaboração de uma cultura nacional. Após uma marcante circulação, sua obra passou por novo destaque em função de sua reinterpretação pelos artistas tropicalistas na década de 1960. Outro marco importante foi a XXIV Bienal de São Paulo (1998), cujo tema central foi seu ideário antropofágico, o que aponta para sua consagração para arte brasileira, bem como sua relevância para a investigação científica. A proposta deste texto é investigar trabalhos recentes sobre o ideário Pau Brasil, na efeméride de seu centenário, buscando compreender que olhares e questionamentos a obra suscita no atual momento histórico, levando em consideração a vigência de um discurso de legitimação do modernismo paulista, cujo Oswald é um dos principais expoentes.

Palavras-chave: Oswald de Andrade; pau-brasil; modernismo; modernismo paulista; cultura nacional.

ABSTRACT

Oswald de Andrade published his Manifesto da Poesia Pau-Brasil in 1924, moment in which Paubrasilism was considered to be the starting point of the second phase of Brazilian modernism: the elaboration of a national culture. His work gained new prominence due to its reinterpretation, brought around by tropicalist artists in the 1960s. Another important landmark was the XXIV Bienal de São Paulo (1998), with the central theme being the author's anthropophagic ideas, which points to his consecration for Brazilian art, as well as his relevance to scientific investigation as a whole. The purpose of this text is to investigate more recent productions of the Paubrasilism (which came to light on the occasion of his centenary), and to understand views and questions this work raises in the contemporary world through History — this while taking into account the validity of a historical speech that aims to the legitimization of São Paulo's Modernism.

Keywords: Oswald de Andrade; pau-brasil; modernism; São Paulo modernism; national culture.

RESUMEN

Oswald de Andrade publicó su Manifesto da Poesia Pau-Brasil en 1924, y su libro de poesía homónimo al año siguiente, estableciendo el paubrasilismo como punto de partida de la segunda fase del movimiento modernista brasileño, correspondiente a la elaboración de una cultura nacional. Su obra ganó un nuevo protagonismo debido a su reinterpretación por parte de artistas tropicalistas en la década de 1960. Otro hito importante fue la XXIV

* Mestre em História Social, pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em História, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: ph.marcondes@gmail.com.

Bienal de São Paulo (1998), cuyo tema central fueron las ideas antropofágicas del autor, lo que apunta a su consagración para el arte brasileño, así como a su relevancia para la investigación científica. El propósito de este texto es investigar trabajos más recientes sobre sus ideas Pau Brasil, con motivo de su centenario, y comprender qué visiones y cuestionamientos suscita la obra en el momento histórico actual, teniendo en cuenta la vigencia de una historia discursiva de legitimación del modernismo paulista.

Palabras clave: Oswald de Andrade; pau-brasil; modernismo; modernismo paulista; cultura nacional.

INTRODUCÃO

Oswald de Andrade (1890-1954) publicou seu *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, em 1924, e seu livro homônimo de poesias, *Pau Brasil*,¹ no ano seguinte, na esteira do que Mário de Andrade² definiu como a maior orgia intelectual que a história artística teria registrado até aquele momento. Dois anos antes, um grupo diverso de artistas e intelectuais (que incluía ambos) promoveu a Semana de Arte Moderna, como parte das festividades do Centenário da Independência. O catalisador do movimento havia sido a crítica virulenta de Monteiro Lobato à exposição expressionista de Anita Malfatti, em 1917, a qual despertara no grupo o interesse pelas vanguardas europeias, lhes conferindo certa unidade.³ Na sequência desses acontecimentos, *Pau Brasil* foi considerado marco inicial da segunda fase do movimento modernista, correspondente à elaboração de uma cultura nacional, superando a primeira fase correspondente à renovação estética.⁴ Ocorreram iniciativas similares no imediato pós-guerra, sendo expressão desses esforços a criação da Liga Nacionalista, em 1916, por Olavo Bilac, na Academia de Direito do Largo de São Francisco. Tal Liga foi matriz de uma cultura nacionalista e militante, cuja origem remete à obra *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, em função da peculiaridade da cena brasileira presente nesta obra.⁵

¹ Há uma diferença na publicação do manifesto e do livro de poesias; na primeira, o termo “pau-brasil” aparece com hífen, de acordo com a ordenação culta da língua; na segunda, o termo é usado sem hífen. Dessa forma, no presente texto, *Pau-Brasil*, com hífen, faz referência ao manifesto, e *Pau Brasil*, sem hífen, faz referência ao livro.

² ANDRADE, 1942, p. 34.

³ TÉRCIO, 2019.

⁴ MORAES, 1978.

⁵ SEVCENKO, 1992, p. 237.

O cientista social André Botelho⁶ defende que o Modernismo jamais deixou de mobilizar interesse, com sua imensa fortuna crítica apontando para um movimento artístico voltado ao confronto da estética parnasiana hegemônica, vinculada ao passadismo cultural, bem como à renovação temática das artes no geral. Este empenho não se resumiu apenas às questões artísticas, mas também aos ideais mais amplos de cultura e de sociedade, partindo daí sua ideia do Modernismo como movimento cultural. Segundo este autor, com o passar das gerações, tal movimento se impôs como ponto de vista, lugar para observar e avaliar a cultura brasileira, sendo exemplos desse paradigma as obras de Antonio Cândido, *Formação da Literatura Brasileira* (1959) e Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970). Isto posto, seriam também protagonistas do movimento cultural do Modernismo, seus críticos e intérpretes posteriores, que modelaram linhas persistentes de interpretação do Brasil.

Foi nesse contexto que despontaram, a partir dos anos 1940, intelectuais reunidos com Cândido em torno da revista *Clima*, como Gilda de Mello e Souza (prima de Mário de Andrade), Paulo Emílio Sales Gomes e Décio de Almeida Prado. Como professores do recém inaugurado Curso de Letras, da Universidade de São Paulo, contribuíram para a legitimação dos seguintes postulados: a) o protagonismo paulista na difusão do Modernismo, b) a Semana de Arte Moderna como marco, c) a sincronização com as vanguardas europeias, d) a superação de certos atavismos nacionais e e) a exaltação das particularidades locais, com sua matriz popular e mestiça, vinculada a um suposto resgate da cultura nacional. Tais obras também se caracterizam por sua natureza teleológica, alinhavando cronologicamente diversos fatos históricos a fim de estabelecer continuidades com a formação do grupo modernista, em 1917. Outras publicações subsequentes⁷ também condensaram essa perspectiva triunfalista⁸ do Modernismo.⁹

⁶ BOTELHO, 2020, p. 176.

⁷ São exemplos dessa perspectiva triunfalista as seguintes obras: BRITO, M. S. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958 e ALMEIDA, P. M. *De Anita ao museu: o Modernismo da primeira exposição de Anita Malfatti à primeira Bienal*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 1961.

⁸ Outros autores modernistas, tais como, Flora Sussekind, Francisco Foot Hardman, Mônica Pimenta Velloso e Thiago da Silva Nobre vão de encontro a essa perspectiva, superando o aspecto estético do movimento e revelando a particularidade de movimentos correlatos, ocorridos no Brasil no período.

⁹ SIMIONI, 2013, p. 334.

Após uma marcante circulação nos anos 1920, Oswald ficou restrito a algumas conferências, colunas em jornais e uma militância comunista conturbada, conforme tese de Carreri.¹⁰ Sua obra passou por novo destaque dez anos após sua morte, em função de reinterpretação por artistas tropicalistas da década de 1960.¹¹ No prólogo da segunda edição, da antologia *Vanguardas Latino Americanas*, (2023), Jorge Schwartz¹² se mostra admirado pela vigência que o tema das vanguardas artísticas teria adquirido na primeira década do século XX, mencionando, entre outros, o caso particular de Oswald de Andrade, sobre cuja obra teria reinado um silêncio de quatro décadas (1930 a 1970). Também dá destaque ao marco referencial importante da XXIV Bienal de São Paulo (1998), a qual teve como tema central o ideário antropofágico do autor,¹³ apontando para sua consagração referencial à arte brasileira, bem como sua relevância temática para investigação científica.

Há um conjunto destacado de trabalhos e publicações, entre 1970 e 1990, que se debruça sobre a produção artística e a circulação social e intelectual de Oswald, cuja autoria remete a dez autores: a) Maria Eugênia Boaventura, b) Mário da Silva Brito, c) Haroldo de Campos, d) Antonio Cândido, e) Maria Augusta Fonseca, f) Luiz Costa Lima, g) Eduardo Jardim Moraes, h) Benedito Nunes, i) Jorge Schwartz e j) Roberto Schwarz. Contudo, a proposta deste texto é investigar trabalhos mais recentes e que abordam especificamente o ideário *Pau Brasil*, considerando a efeméride de seu centenário em 2025 e buscando compreender os olhares e questionamentos que a obra suscita nessas pesquisas. Dentre esses nomes, os de Jorge Schwartz e Roberto Schwarz emergem em diálogo com alguns destes autores.

Em *Entre bondes e carroças: tradição, modernidade e utopia em Oswald de Andrade* (1999),¹⁴ Mara Jaqueline de Oliveira investiga três principais questões referentes à formação do pensamento social brasileiro, a saber: a) identidade nacional, b) Estado-nação e c) tradição e modernidade, sob o prisma da obra oswaldiana - sua produção poética e jornalística. Oliveira destaca o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* como primeiro passo na articulação/sistematização da faceta ideológica do autor, que progride posteriormente na direção de seu conceitual

¹⁰ CARRERI, 2015.

¹¹ ELIAS, 2015.

¹² SCHWARTZ, 2023.

¹³ SCHWARTZ, 2008, p.22.

¹⁴ OLIVEIRA, 1999.

Matriarcado de Pindorama, articulado por meio de seu ideário antropofágico. Nesse âmbito, *Pau-Brasil* anunciaría a originalidade de nossa cultura frente à universal, invertendo a perspectiva do colonizador, num exercício de alteridade, através da sua fórmula do bárbaro “tecnizado”, que consiste no princípio do prazer natural associado ao progresso tecnológico, condensado em seu Matriarcado. Assim, para Oswald, o patriarcalismo englobaria todos os tipos de antagonismos que atravessam os caminhos para a modernização, associado à industrialização e ao processo de urbanização em oposição ao agrarismo atávico e anacrônico, constituindo assim um projeto de modernidade metafórica, simbólica e utópica com base num ufanismo crítico.

O confronto entre passadismo e modernismo é identificado por Oliveira como a raiz de sua dialética e o primitivismo, o grande achado articulador da pluralidade da cultura nacional plasmada em *Pau Brasil*, numa construção descolonizadora do olhar para si.

A dialética oswaldiana tradição/modernidade tem uma matriz fundamentalmente histórico-sociológica, ao invés de propriamente literária, daí seu viés historicista, conclui a autora. Para Oliveira, Oswald, bem como a geração de 1920, produziu uma leitura otimista dos descompassos sociais, econômicos e políticos da sociedade brasileira no contexto da “decadência ocidental”, quando os intelectuais desse primeiro momento modernista interpretaram o mundo do pós-guerra como uma confirmação parcial da análise de Oswald Spengler, o qual em *A decadência do Ocidente* (1918) prognosticou como irreversível a marcha dos acontecimentos, de leste a oeste, da velha Europa na direção da jovem América.¹⁵

Na dissertação *Discurso Modernista e Identidade Cultural Brasileira* (2006),¹⁶ Eriosvaldo da Silva Barbosa procura responder como é construída discursivamente a identidade cultural brasileira no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, a partir de elementos linguísticos estruturais que atuariam como marcas de rupturas, a saber: a) a omissão de sujeitos e b) o destaque para substantivos e adjetivos estabelecendo assim c) uma nova sintaxe. No *Manifesto*, forma e conteúdo se aliaram para reconstruir a identidade cultural brasileira a partir de uma renovação programática.

¹⁵ ORTIZ, 2003.

¹⁶ BARBOSA, 2016.

Barbosa também destaca os antecedentes nativistas de manifestações identitárias presentes no Romantismo, que também foram colocadas no empenho do Modernismo recorrendo a um debate teórico sobre identidade a partir de vários autores, como Bhabha, Deathly, Hall e Giddens, os quais apontam para a identificação de marcas identitárias em *Pau-Brasil*.

Este autor defende que a abordagem dos aspectos estruturais do texto é fundamental para a compreensão do discurso modernista, nos quais verbos, estrangeirismos e neologismos caracterizam a ruptura e a busca pela reconstrução da identidade brasileira, com os objetivos de inovar, chocar e romper. A linguagem diferenciada em conjunto com as propostas programáticas aponta para um discurso de reconstrução identitária nacional, numa mistura de literatura e política que caracteriza a modalidade discursiva do Manifesto e cujo intuito é o exercício da influência intelectual, a partir do choque e da inovação. Isto posto, *Pau-Brasil* contribui significativamente para a nova etapa da vida nacional, conclui o autor.

Em *Fotografias Verbais e diálogos entre Artes: Pau-Brasil, Feuilles De Route e desenhos de Tarsila* (2006),¹⁷ dissertação de Ana Paula Cardoso, ela analisa as obras *Pau Brasil*, de Oswald e *Feuilles De Route*, de Blaise Cendrars, tendo como eixo a representação da cidade de São Paulo e sua condição particular no contexto da modernidade brasileira; o ponto-chave são os desenhos de Tarsila do Amaral, os quais compõem ambas as obras. Cardoso (2006) destaca a colaboração entre os três artistas, em São Paulo, levando em consideração proximidades e diferenças entre seus respectivos projetos poéticos, todos em sintonia com as vanguardas artísticas. Em *Pau Brasil*, o contraponto entre o cosmopolitismo da cidade e a vida rural faz parte do projeto de reconstrução geral da cultura por meio da crítica, conclui a autora.

Na dissertação *Festa e Conflito: visões do Brasil em Oswald de Andrade*,¹⁸ Maria Rosalete Pontes Lima interpreta imagens que Oswald de Andrade elaborou do Brasil e dos brasileiros em *Pau Brasil* (1925) e em *Marco Zero* (1943), por meio de uma reflexão teórica sobre a relação entre modernidade, nação e identidade, levando em conta elementos da tradição do pensamento brasileiro. Produzidas em momentos radicalmente distintos do autor em relação

¹⁷ CARDOSO, 2016.

¹⁸ LIMA, 2009.

aos contextos sócio-históricos e suas preferências ideológicas, tais obras revelam um Brasil fragmentado, permeado por conflitos socioeconômicos, políticos e culturais, nos quais as dualidades festa/conflito e celebração/guerra permeiam a construção da nação brasileira em suas páginas.

A autora resgata uma discussão entre modernidade, nação e identidade, apontando o Modernismo como uma nova sensibilidade, a partir da qual traça um paralelo entre o projeto modernista brasileiro e o processo de construção da nação moderna. A emergência dessa nova sensibilidade é marcada pela tecnologia, pela fragmentação da vida tradicional e pela guerra e são assimiladas como condicionantes de novas formas de autoidentificação, como a identidade nacional, o estabelecimento de suas fronteiras simbólicas. Nesse processo, há marcante participação de intelectuais, os quais utilizam a língua nacional para expansão desse imaginário, alimentando momentos de celebração e também de violência.

Para Lima, *Pau Brasil* busca compreender e oferecer os indicativos de caminhos para construção da autoimagem brasileira, oferecendo um roteiro de viagem histórica, cujo destino é o sonho de um Brasil moderno, sonho este acalentado por parte da elite, destacadamente paulista, naquele período.

Esta autora destaca também a celebração de traços marcantes, voltada para a construção de uma imagem exportável do país, que procura harmonizar os opostos da formação social brasileira, criando unidade. Nesse contexto, recorda-se a resposta (a essa proposta) de um grupo de intelectuais do Recife, entre os quais Gilberto Freyre, com seu *Manifesto Regionalista* (1926). Na perspectiva paulista de *Pau Brasil*, o universal seria alcançado pelo nacional, enquanto que, para os regionalistas, o moderno seria o regional, cujo alcance nacional se daria pela conservação dos valores regionais tradicionais, do Nordeste, em particular. Todavia, ambos possuem visão positiva da identidade nacional mestiça, a qual contribuiu para a superação gradual do dilema étnico nos anos 1930, conclui a autora.

Em *O primitivismo no Pau-Brasil de Oswald de Andrade: originalidade nativa como mensagem do espírito novo (1917-1925)*,¹⁹ dissertação de 2009, Leonardo de Carvalho Augusto

¹⁹ AUGUSTO, 2009.

analisa *Pau Brasil* com ênfase em seu conteúdo primitivista, o qual conduz a obra ao tema da brasilidade. Assim, a principal chave interpretativa propõe um novo realismo para interpretação do Brasil, a partir da valorização de elementos não clássicos.

Augusto (2009) parte da natureza histórica conceitual do primitivismo e o seu papel no processo de redescoberta do Brasil empreendido por Oswald. Destaca também a dimensão historicista da obra e sua estética paródica, permeada de antagonismos, tensões e contrastes para lidar com a questão da nacionalidade, descontextualizando a História do Brasil da cultura ocidental. Assim, propicia uma temporalidade própria, marcada por movimentos sociais e culturais. Um exemplo dessa construção é o verso “Minha terra tem Palmares” do poema “Canto de regresso à pátria”, que faz alusão à prática quilombola de resistência ao escravismo do período colonial, parodiando a “Canção do Exílio”, poema romântico que ressalta o patriotismo e o saudosismo em relação à terra natal, de Gonçalves Dias.

O autor também destaca a presença na obra dos primeiros cronistas, tais como, Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gandavo, Frei Vicente do Salvador, entre outros; os quais fornecem os elementos de uma realidade mental originalmente nativa “pré-lógica”, isto é, seguindo a prática artística cubista, na qual se destrói os elementos imagéticos iniciais, promovendo um novo arranjo. Assim, segundo Augusto, Oswald coloca em dúvida a contribuição ativa do elemento colonizador, reduzindo as mais diversas manifestações da nossa cultura a peças em estado de material bruto, abalando os alicerces da cultura histórica dominante de então.

Em *República Pau-Brasil: política e literatura no Modernismo de Oswald de Andrade*,²⁰ Giordano Barbin Bertelli avalia as relações entre literatura e política, a partir da colaboração e dissidência da estética oswaldiana à elaboração de uma épica para o Estado de São Paulo.

No âmbito do protagonismo econômico cafeeiro, a épica bandeirante se traduziria em uma ordem sócio simbólica, de legitimação da hegemonia paulista. Para Bertelli, o programa nacionalista de Oswald de Andrade, expresso no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e no

²⁰ BERTELLI, 2009.

Manifesto Antropofágico, nutriu-se largamente da proximidade social do autor com a elite política paulista. Em *Pau-Brasil*, a positivação dos elementos autóctones frente aos traços europeus, e o elogio da convivência do arcaico com o moderno, incorreria numa crítica ao patriarcalismo, ao cristianismo e à razão cartesiano-iluminista, no contexto da “decadência” da cultura ocidental. Mobiliza, assim, referenciais europeus contra a própria Europa. A valorização do passado pré-cabralino e da cultura popular, por sua vez, incorreria no estabelecimento de padrões culturais e civilizacionais alternativos, uma “utopia retrospectiva”. Todavia, o fosso social existente entre esses espaços do erudito e do popular, para Bertelli, deixou marcas nessa lógica de elevação do popular à “dignidade” literária, reiterando a hierarquia social e suas assimetrias, que ficaram fora de foco, fora de sua tematização, em prol da celebração dos elementos arcaicos, bem como a positivação da mestiçagem e sua mistificação na ideia de “democracia racial”. Teríamos, assim, a suspensão da hierarquização simbólica, como expediente gracioso de sua reiteração, oscilando entre uma postura de diluição das fronteiras para outra de reiteração das mesmas pela inversão; o popular trocando de patamar com o erudito, relativizando as hierarquias culturais numa bricolagem literária às custas do apagamento das tensões sociais. A habilitação do popular promovida por Oswald, para Bertelli, sugere uma conciliação social, que decompõe as fronteiras sociais existentes e seus legítimos ocupantes, sendo a ausência do popular no espaço político simbolicamente atenuada.

No limiar entre a concessão e a dissidência ao paulicentrismo, os Manifestos de Oswald relativizam as linhas centrais da matriz simbólica bandeirante. E sua posição social, destacada da maioria da população, implicaria num lugar privilegiado para “extravagâncias programáticas”, sendo sua versão do “nacionalismo paulista” uma representação domesticada e despolitizada do popular, conclui Bertelli.

Em *Vanguarda do Atraso ou Atraso da Vanguarda? Oswald de Andrade e os teimosos destinos do Brasil*,²¹ Bruna Della Torre de Carvalho Lima reconstitui as matrizes do conceito de Antropofagia de Oswald, a partir dos processos alterativos de identidades de países periféricos. A autora constroi uma articulação entre a arte modernista e a história política e cultural do Brasil, através da releitura tropicalista da obra oswaldiana. Apesar de partir

²¹ LIMA, 2012.

especificamente da análise do ideário antropofágico do autor, Lima faz considerações importantes que contribuem para a análise de *Pau Brasil*.

Elá parte da condição cosmopolita inerente à burguesia, como elite pensante e dirigente, dividida entre as segregações coloniais e a Metrópole una e homogênea, sem os desajustes periféricos. Em seguida, destaca não só o sentimento de atraso como marca indelével de classe (apesar dos fóruns de condição tipicamente brasileira), como também a sensação de deserto, nexo principal de parte importante da literatura e do pensamento intelectual, ligados ao problema da formação nacional. Conclui que a nação que se mostraria tanto para a geração modernista quanto para a tropicalista como um teatro de sombras, nunca é visualizada por completo.

Oswald teria tematizado essas questões como um escritor brasileiro, porque procurou responder sobre essa indeterminação, constituinte fundamental da experiência de modernidade e do capitalismo, conclui Lima.

Em “Só me interessa o que não é meu”: a dimensão paródica do verso oswaldiano em *Pau-Brasil*,²² dissertação de Eduardo Borges Ciabotti, ele examina a paródia em *Pau-Brasil* e seu efeito radical na literatura, inserido num contexto de utilização do recurso pelas vanguardas europeias, que por sua vez figuram num contexto maior, moderno, de autorreferência. Para Ciabotti, a paródia, a qual possui eficaz efeito metalinguístico, atua na obra de Oswald como um mecanismo de investigação crítica do processo de circulação de discursos e revisão de preconceitos, articulando Arte e História.

A série de poemas *História do Brasil*, presente no livro, retoma a história do Brasil do século XVI ao XIX, por meio de fragmentos de obras de Pero Vaz de Caminha, Pero de Magalhães Gondavo, Claude d'Abbeville, Frei Vicente de Salvador, Fernão Dias Paes, Frei Manoel Calado, J.M.P.S.²³ e do príncipe Dom Pedro. Tais obras trazem informações sobre os indígenas, a terra, a vida moral e espiritual da sociedade colonial, ressaltando elementos

²² CIABOTTI, 2013.

²³ A inscrição remete especificamente à “J.P.M.S. (da cidade do porto)”, tendo sido extraída de fonte documental.

caracterizantes da colonização brasileira e da mentalidade dos colonos. O autor conclui que há decomposição da intertextualidade dos poemas num modelo artístico *ready made*, de Duchamp.

Em *Percursos do moderno e do nacional em Oswald de Andrade: origens e desenvolvimentos do escritor vanguardista de 1924*,²⁴ Leonardo Teixeira de Mello Ferreira parte de 1924 como ano-chave da História da Literatura Brasileira, com as publicações de *Memórias sentimentais de João Miramar* e do *Manifesto Pau-Brasil*. A primeira situa Oswald no *hall* dos autores modernistas, na perspectiva de Mário de Andrade e a segunda, seria inserida como a primeira iniciativa de construção de um programa estético para a arte brasileira, constituindo, assim, um marco, um ponto de virada para a mesma.

Nesta tese, Ferreira investiga o percurso de Oswald até aquele momento, tendo como referências suas contribuições jornalísticas, o manuscrito de *Memórias sentimentais* e a conferência sobre arte brasileira, ministrada na Sorbonne, em 1923.²⁵ Em sua empresa, o primitivismo emerge como elemento chave, constituindo uma perspectiva realística local, que propicia o retorno às bases reais do país, suas raízes históricas e culturais, expressas na metáfora das relações mercantilistas do passado, em alusão à exploração do pau-brasil.

A seleção de recortes de crônicas coloniais para constituição da sua História do Brasil, fixando-lhes os primeiros elementos a partir da surpresa e do espanto do colonizador, confere sua originalidade, que deveria insinuar-se igualmente sobre o horizonte técnico-industrial a fim de assimilá-los às condições locais, conclui Ferreira.

Em *Oswald de Andrade e Gilberto Freyre: sentidos do “nacional” e do “regional” na construção da brasiliade*,²⁶ Rômulo Santos Almeida analisa, em sua dissertação, os sentidos do nacional e do regional no ideário de brasiliade, ou seja, de identidade nacional, de forma comparativa nas obras de Oswald e Gilberto Freyre, a partir do *Manifesto Pau-Brasil* e do *Manifesto Regionalista*, recorrendo ao dispositivo “dialética do localismo e do cosmopolitismo” desenvolvido por Antonio Cândido, no âmbito da crítica literária.

²⁴ FERREIRA, 2014.

²⁵ *L'effort intellectuel du Brésil contemporain*, cujo texto foi publicado, em julho, na *Revue de l'Amérique Latine*.

²⁶ ALMEIDA, 2017.

O autor parte de uma descrição dos modernismos europeu e brasileiro, bem como seu contexto histórico, destacando a preocupação estética e política da elaboração de um projeto de cultura nacional, tendo em seu cerne a valorização do “primitivo”, que seria o “desrecalque localista”, cuja publicação de *Pau-Brasil* seria o marco inicial. Assim, Oswald expandiu sua leitura para o conceito de “Antropofagia”, numa perspectiva crítica da História do Brasil, expressa nas tensões local/cosmopolita e particular/universal.

Ciente dessas apropriações assimétricas, Oswald recorre à idealização do “Matriarcado de Pindorama”, como estratégia para assegurar as conquistas técnicas da modernidade, impregnando-as de nosso espírito primitivo. Tal estratégia seria uma alternativa ao processo desenfreado de modernização europeia e estadunidense. Conclui Almeida que, enquanto em Freyre, o regional é chave para se chegar ao nacional e à modernidade, pelo equilíbrio entre o tradicional e o moderno - presente em ambos, ele recorre ao mito das “três raças” e do seu “encontro harmonioso”.

O conjunto das obras brevemente descritas acima é marcado pela interdisciplinaridade, diálogo entre Antropologia, História Social, Linguística, Literatura e Sociologia, contando ainda com matrizes regionais de produção (Ceará, Distrito Federal, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo), ou seja, abrangendo capital e interior e, portanto, reafirmam a vigência científica do tema em nível nacional.

Trata-se de um pequeno recorte em relação à produção oswaldiana no geral. Ainda assim, é possível notar a proeminência de São Paulo nesse tema, com cinco (50%) entre as dez pesquisas selecionadas. Para além de fatores econômicos relativos à concentração da produção científica no país, podemos levar em consideração a vigência de um discurso histórico, político e social de legitimação do modernismo paulista, no qual Oswald é um dos principais expoentes, ainda que tardivamente reconhecido. E isso pode estar explícito na ausência de trabalhos críticos à sua produção, havendo apenas, neste quesito, dois autores entre os dez aqui selecionados, a saber: Bruna Della Torre de Carvalho Lima²⁷ e Giordano Barbin Bertelli. Tais críticas apontam

²⁷ O trabalho de Bruna Della Torre de Carvalho Lima até aqui presente não é essencialmente crítico, mas sim o seu artigo referente à crítica de Roberto Schwarz à obra de Oswald, *Modelos críticos: Antonio Cândido e Roberto Schwarz leem Oswald de Andrade*, de 2019, analisado a seguir.

para uma sublimação classista, ou seja, a dissipação dos conflitos sociais e simbólicos presentes na formação brasileira escorada numa posição privilegiada de classe, presente na obra de Oswald, nesse período, tanto em *Pau-Brasil* como na Antropofagia, vertente que ganhou destaque no resgate artístico, social e político do autor, a partir dos anos 1960.

Essa crítica foi colocada em pauta pela primeira vez nos anos 1980, por Roberto Schwarz, no ensaio *A carroça, o bonde e o poeta modernista*. No resgate que Bruna Della Torre faz do texto, a autora aponta que no momento de produção do ensaio, os objetivos libertários que animaram o Modernismo, podiam ser então entendidos como ideologia, ressaltando seu triunfo em larga escala na mídia e sua integração ao discurso de modernização conservadora.²⁸

Segundo Torre, Schwarz enxerga *Pau Brasil* como um conjunto de fórmulas fáceis que atestam seu impulso democrático, cuja característica principal é a justaposição do Brasil colônia ao burguês, uma alegoria ufanista crítica. Entretanto, o Brasil da convivência dos contrários na obra de Oswald estaria ancorado em uma posição de classe muito específica, da autoridade tradicional, em relação às suas afinidades eletivas ao modernismo conservador. A partir da sua proximidade com o marxismo ligado à teoria crítica, Schwarz destaca certa condescendência que permite sublimar os antagonismos envolvendo as partes contrárias numa mesma simpatia. Sugere, assim, a presença de uma homologia entre a estética oswaldiana e sua experiência de classe na elite cafeeira desejosa de internacionalização. Sua poesia aponta, portanto, para a superação da condição colonial subalterna baseada na crença de um progresso inocente.

Conforme descreve Torre, no pós-1964, diante da opção da burguesia em se manter subalterna em relação ao capitalismo internacional, para não abrir mão de seu domínio nacional, o resgate da poesia de Oswald só poderia ser ideológico no momento de esgarçamento do projeto nacional que ainda sustentava esse modernismo. A ausência de uma crítica negativa, teria consequências problemáticas, na visão de Schwarz. A irreverência cultural e o deboche, característicos da produção oswaldiana, tornaram-se álibi para lidar acriticamente com as ambiguidades da cultura de massa naquele período.²⁹

²⁸ TORRE *et al.*, 2019, p. 178-196.

²⁹ TORRE *et al.*, 2019, p. 191.

Há uma reflexão a respeito de certo imaginário crítico presente nos segmentos intelectuais nesse momento (anos 1960), a “brasilidade romântico-revolucionária”,³⁰ identificada com movimentos de esquerda. A origem desse imaginário, segundo Marcelo Ridenti, remeteria às representações de mestiçagem da década de 1930. E nesse ponto, segundo Marcos Napolitano,³¹ reside um grande debate historiográfico acerca da cultura de esquerda no Brasil, se ela seria mera apropriação progressista do nacionalismo da direita autoritária desse período. A disputa literária entre o paubrasilismo de Oswald e o verdeamarelismo de Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado, ainda nos anos 1920, pode ajudar na resolução dessa questão.

Além de *Pau Brasil*, o *Manifesto Regionalista* de Gilberto Freyre estava no centro dessa disputa, atraindo o campo conservador com sua crítica à homogeneização da cultura urbana ocidentalizada.³² Assim, os verde-amarelos adotaram uma postura conservadora, não aceitando a ruptura com o passado colonial e a herança cultural católica e branca. Concordavam com Oswald em relação à intuição como caminho mais adequado à apreensão da brasilidade, entretanto, divergiam no tratamento dado aos estrangeirismos, à erudição e ao indígena.³³ O Movimento Antropófago foi a consequência dessa disputa, a partir do qual Oswald iniciou seu afastamento do idealismo burguês. Mas foram os verde-amarelos que levaram vantagem, ocupando o cerne da política cultural varguista. Assim, o nacionalismo crítico oswaldiano teria sido relegado, ainda que nos anos 1930 a dita “literatura regionalista” ou “literatura social” tenha contado com escritores comunistas e simpatizantes em suas fileiras, tais como, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Patrícia Galvão, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, entre outros. Tais escritores compartilham com a direita a missão de delinear uma nova e genuína “brasilidade”.³⁴

Como é possível notar, a característica principal desse conjunto de pesquisas selecionadas é o teor político da produção oswaldiana destacado por seus autores. De maneira geral, sua obra é inserida num contexto político entrecortado, marcado por um novo arranjo

³⁰ RIDENTI, 2010.

³¹ NAPOLITANO *et al.*, 2014, p. 35-50.

³² SANTOS *et al.*, 2013, p. 573-274

³³ SCHWARTZ, 2008, p. 557-559.

³⁴ NAPOLITANO, 2014, p. 39.

sensível, em que seu programa cultural primitivista aponta para um projeto político dissonante ao conservadorismo agrário e à modernização “desenfreada” dos grandes centros urbanos. Isto posto, observa-se a emergência do aprofundamento da reflexão acerca do lado intelectual de Oswald, bem como sua vigência em certo imaginário crítico da sociedade brasileira. O tema da “brasilidade romântico-revolucionária” desenvolvido por Ridenti oferece um caminho de investigação, permitindo o estabelecimento de um fio que conduz às representações de mestiçagem nos anos 1930 e às disputas literárias da década anterior, ambas disparadas pelo paubrasilismo, também caracterizado por uma proposta de revisão histórica e cultural em bases étnico-raciais, recaladas no século anterior por discursos evolucionistas. Assim, se estabelece a disputa em torno desse caráter nacional diante de um novo paradigma político, organicista, que se delineava. E nesse âmbito, a proposta conservadora dos verde-amarelos ofereceu a coesão social necessária ao novo Estado, partindo de uma das facetas do expediente paubrasílico, de sublimação dos conflitos sociais por meio do destaque positivo do sincretismo e da mestiçagem. Como resposta, Oswald avançou em seu nacionalismo crítico através do Movimento Antropófago, reivindicando os valores primitivistas como crítica à sociedade hierarquizada e repressora. Tais elementos constituem a brasilidade romântico-revolucionária como imaginário crítico presente nos meios intelectuais das décadas de 1950, 1960 e 1970, motivando projetos de emancipação popular com base na experiência histórica brasileira de lutas descontínuas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. *Oswald de Andrade e Gilberto Freyre: sentidos do “nacional” e do “regional” na construção da brasilidade*. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- ANDRADE, M. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- AUGUSTO, L. *O primitivismo no Pau-Brasil de Oswald de Andrade: originalidade nativa como mensagem do espírito novo (1917-1925)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História

Social) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BARBOSA, E. *Discurso Modernista e Identidade Cultural Brasileira*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BERTELLI, G. *República Pau-Brasil: política e literatura no Modernismo de Oswald de Andrade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

BOTELHO, A. *et al.* O Modernismo como Movimento Cultural: uma sociologia política da cultura. *Lua Nova - Revista de Cultura e Política*, São Paulo, nº 111, p. 175-209, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/zWhrs3mJWv8pPTLJ3wp3dMn/?lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2024.

CARDOSO, A. *Fotografias Verbais e diálogos entre Artes: Pau-Brasil, Feuilles De Route e desenhos de Tarsila*. 2006. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARRERI, M. *O Socialismo de Oswald de Andrade: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930*. 2015. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

CIABOTTI, E. “Só me interessa o que não é meu”: a dimensão paródica do verso oswaldiano em *Pau-Brasil*. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ELIAS, P. *A canção tropicalista: um percurso crítico*. 2015. Dissertação (Mestrado) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FERREIRA, L. *Percursos do moderno e do nacional em Oswald de Andrade: origens e desenvolvimentos do escritor vanguardista de 1924*. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

- LIMA, B. *Vanguarda do Atraso ou Atraso da Vanguarda? Oswald de Andrade e os teimosos destinos do Brasil*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- LIMA, M. *Festa e Conflito: visões do Brasil em Oswald de Andrade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- MORAES, E. *A Brasilidade Modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- NAPOLITANO, M. *et al.* Esquerdas, política e cultura no Brasil (1950-1970) um balanço historiográfico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 58, p. 35-50, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/SKxjtDKT4NWvxCvprS5WQsD/?lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2024.
- OLIVEIRA, M. *Entre bondes e carroças: tradição, modernidade e utopia em Oswald de Andrade*. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- RIDENTI, M. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- SANTOS, P. H. M. *Oswald de Andrade e a contestação da ordem (literária) no movimento Pau Brasil na década de 1920*. 2022. Dissertação (Mestrado em História Social). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- SANTOS, P. *et al.* Pau Brasil: aspectos e desdobramentos políticos de sua proposta de revisão histórica e cultural. *Projeto História*, São Paulo, v. 78, p. 572-585, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/62334>. Acesso em: 15 mai. 2024.
- SCHWARTZ, J. *Vanguardas Latino-Americanas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMIONI, A. *et al.* Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Perspective*, França, n. 2, p. 325-342, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/perspective/5539>. Acesso em: 16 fev. 2024.

TÉRCIO, J. *Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

TORRE, B. *et al.* Modelos críticos: Antonio Candido e Roberto Schwarz leem Oswald de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 74, p. 178-96, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Z53hsPm9rxh5zcDBLY8N4vg/?lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2024.

Recebido em: 20/05/2024 - Aprovado em: 27/04/2025